



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

FERNANDA MELO CORREIA DOS SANTOS

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO
ENTRE 2001 E 2014**

Caruaru

2018

FERNANDA MELO CORREIA DOS SANTOS

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO
ENTRE 2001 E 2014**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Ao Curso de Ciências Econômicas da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Área de concentração: Trabalho feminino

Orientadora: Profa. Dra. Monaliza de Oliveira Ferreira

Caruaru

2018

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Marcela Porfírio - CRB/4 - 1878

S237p Santos, Fernanda Melo Correia dos.
Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro entre 2001 e 2014. /
Fernanda Melo Correia dos Santos. – 2018.
30f. : 30 cm.

Orientadora: Monaliza de Oliveira Ferreira.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAA, Economia, 2018.
Inclui Referências.

1. Mulheres – Emprego. 2. Mercado de trabalho. 3. Mulheres no desenvolvimento
econômico. I. Ferreira, Monaliza de Oliveira (Orientadora). II. Título.

CDD 330 (23. ed.) UFPE (CAA 2018-298)

FERNANDA MELO CORREIA DOS SANTOS

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO
ENTRE 2001 E 2014**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Ao Curso de Ciências Econômicas da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em 28/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr. Monaliza de Oliveira Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a. Dr. Andreza Daniela Pontes Lucas (2^a Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a. Aleksandra Gomes de Lima (3^a Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, José Luiz Correia dos Santos e Ligia Melo da Silva Correia. Obrigada pelo amor incondicional, incentivo e exemplo de vida!

A minha orientadora, Monaliza de Oliveira Ferreira, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, bem como à banca examinadora, pelas valiosas sugestões.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

RESUMO

A participação da mulher no mercado de trabalho está se tornando cada vez mais comum, e, portanto, torna-se ainda mais importante entender como ela evoluiu ao longo dos anos. Este trabalho apresenta uma análise da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro entre os anos 2001 e 2014 (exceto para o ano de 2010 que não foi utilizado devido à falta de dados). Foi realizada uma análise descritiva, com abordagem quantitativa para coletar diversos dados publicados como Indicadores Harmonizados da PNAD/IBGE. Os resultados mostraram que a participação das mulheres no mercado de trabalho evoluiu nos últimos anos e que esse movimento influencia diretamente as variáveis demográficas e econômicas. Mas, à título de conclusão, pode-se ver que mesmo com a crescente evolução das mulheres no mercado de trabalho, elas ainda estão em menor número do que os homens e pelo que a leitura tem colocado, elas receberiam menos que os homens pelas mesmas atividades exercidas.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Participação feminina. PNAD/IBGE.

ABSTRACT

Women's participation in the labor market is becoming more and more common, and therefore, it becomes even more important to understand how it has evolved over the years. This paper presents an analysis of the female participation in the Brazilian labor market between 2001 and 2014 (except for the year 2010 that was not used due to lack of data). A descriptive analysis was carried out, with a quantitative approach to collect several data published as PNAD / IBGE Harmonized Indicators. The results showed that women's participation in the labor market has evolved during the last years, and that this movement directly influences demographic and economic variables. But, by way of conclusion, one can see that even with the increasing evolution of women in the labor market, they are still in a lower number than men and by what reading has put, they would receive less than men by the same activities performed.

Keywords: Labor market. Female participation. PNAD / IBGE

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Variáveis Analisadas no Estudo.....	17
------------------	--	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Taxa de analfabetismo das pessoas de 20 a 49 anos, por grupos de idade – Brasil – 2001/2014.....	19
Gráfico 2-	Distribuição de homens de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução – Brasil – 2001/2014.....	21
Gráfico 3-	Distribuição das mulheres de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução – Brasil – 2001/2014.....	22
Gráfico 4-	Indicadores de distribuição das pessoas economicamente ativas, de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil 2001/2014.....	22
Gráfico 5-	Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 20 a 24 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)......	23
Gráfico 6-	Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 25 a 29 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)......	24
Gráfico 7-	Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 30 a 39 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)......	25
Gráfico 8-	Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 40 a 49 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)......	26
Gráfico 9-	Distribuição dos homens empregados e trabalhadores domésticos de 15 anos ou mais de idade, no trabalho principal da semana de referência, segundo a categoria do emprego no trabalho – Brasil – 2001/2014.....	27
Gráfico 10-	Distribuição das mulheres empregadas e trabalhadoras domésticas de 15 anos ou mais idade, no trabalho principal da semana de referência, segundo a categoria do emprego no trabalho – Brasil – 2001/2014.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
3	METODOLOGIA E FONTE DOS DADOS.....	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A participação da mulher no mercado de trabalho se tornou algo extremamente importante para a sociedade atual, embora a mulher ainda sofra com heranças históricas, como salários mais baixos para funções similares às dos homens. Mesmo assim, as mulheres foram conseguindo aumentar seu espaço na estrutura social, deixando de ser apenas donas de casa e assumindo postos de trabalho e cargos importantes em empresas. A crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, pode ser explicado pelos movimentos sociais ocorridos ao longo do tempo, com destaque para os movimentos feministas que contribuíram para as transformações do papel da mulher na sociedade (FLEXA, 2007).

Inicialmente a entrada das mulheres no mercado de trabalho foi bem vista pelas indústrias, já que tinham o objetivo de baratear a mão de obra, além de uma suposta maior facilidade de disciplinar essa nova força de trabalho que se criava. Ao longo dos últimos cinquenta anos, mudanças importantes têm ocorrido na participação das mulheres no mercado de trabalho, esta deixou de ser apenas uma oscilação temporária, tornando o processo de incorporação feminino um fenômeno social e persistente (BAYLÃO; SCHETTINO; 2014).

O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho pode ser explicado por fatores econômicos e culturais, no qual o avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva e conseqüentemente o processo de urbanização e a queda da fecundidade, aumentando assim a possibilidade de as mulheres encontrarem mais locais de trabalho. Mas, apesar de terem, muitas vezes, o nível de instrução mais alto e de estarem nos mesmos cargos, ainda se ressentem de salários inferiores. Com as mudanças na estrutura familiar e os níveis de desemprego ascendentes, em muitos casos passou a ser a principal fonte de renda familiar (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014).

Muitos estudos apontam de uma menor participação das mulheres em comparação aos homens no mercado de trabalho. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra dos Domicílios – (PNAD/IBGE, 2014), constata-se que a participação feminina no mercado de trabalho continuou crescendo, ainda que esta participação tenha sido inferior a masculina (43% para o trabalho feminino e 57% para o masculino). Mesmo as mulheres

ganhando espaço e trabalhando mais horas que os homens, a participação delas no mercado de trabalho é mais baixa do que a dos homens, observando que há diferença entre eles.

Apesar de os homens ainda serem a maioria no mercado de trabalho, no início dos anos 2000, o número de homens no mercado já vinha caindo, em detrimento das vagas para mulheres. A crescente participação da mulher no mercado de trabalho e o aumento da sua importância econômica, bem como sua responsabilidade em ajudar no sustento da família e também o seu destaque profissional em vários setores se tornou visível. Crescendo também o número de mulheres em postos diretivos nas empresas (ZILLI, 2004).

Pode-se afirmar, certamente, que as mulheres já conquistaram uma importante participação neste mercado. Mas há ainda diferenciais de ganhos, em que homens ganham mais que as mulheres, mesmo estando nos mesmos cargos. E esta é uma luta que as mulheres ainda precisam travar, até conseguirem maior paridade nos ganhos salariais.

Dito isto, o objetivo geral deste trabalho é analisar a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro de 2001 a 2014.

Objetivos Específicos:

- (i) Analisar a evolução da participação feminina no mercado de trabalho;
- (ii) Identificar em qual faixa etária a participação feminina tem aumentado mais;
- (iii) Verificar em quais setores a participação feminina tem aumentado mais;
- (iv) Identificar se há setores em que há predominância da participação feminina.

Naturalmente, fundamentando o estudo está a hipótese de que a participação feminina no mercado de trabalho tem aumentado, tanto em virtude da maior emancipação da mulher quanto do próprio aumento da taxa populacional.

Como metodologia que fará a base para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada obras e estudos relacionados principalmente à evolução recente das mulheres no mercado e pesquisa documental, com análise de dados disponíveis, sendo este, obtido através da PNAD 2014 (Pesquisa Nacional de Análise de Domicílios do IBGE).

Dentro deste contexto, a necessidade de analisar a evolução das mulheres no mercado de trabalho, se dar pelo fato de que sua participação tem aumentado a cada dia, afirmando a importância das mulheres para a economia e para a formação da renda familiar.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, além desta Introdução. No segundo capítulo, apresenta-se uma revisão da literatura nacional sobre o tema analisado. No terceiro, as variáveis e fontes de dados. No quarto capítulo, discute-se os resultados. E em seguida, as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para os clássicos, o trabalho humano é gerador de riqueza. Em seu livro *Riqueza das Nações*, (1983) – Capítulo 1, Smith coloca o trabalho como essencial para a produção de bens. Ele cria um conceito de divisão do trabalho, no qual o resultado foi o aumento da produtividade. Suas consequências foram o aumento da destreza pessoal, economia de tempo e condições mais favoráveis para que os trabalhadores inventem e aperfeiçoem máquinas e instrumentos para poupar esforços.

Outro clássico importante é Marx (1989), que desenvolve o conceito de trabalho produtivo e improdutivo. Onde ele considera que o processo capitalista de produção valoriza diretamente o capital, o que produz a mais valia que se realiza quando o trabalhador não recebe pelo trabalho, mas sim pela força de trabalho.

Por outro lado, Keynes (1936) (*Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*) confrontou as teorias dos clássicos como Marx e Smith. Ele propôs a intervenção governamental na economia com o objetivo de conduzir a um regime de pleno emprego. O objetivo era manter o crescimento da demanda em igualdade com o aumento da capacidade produtiva da economia, para garantir o pleno emprego e não provocar um aumento na inflação.

De acordo com Sant’Anna (2004), a melhor distribuição de renda para Kalecki (1954) levaria a um deslocamento de um patamar mais alto, o que significa um nível maior de produto. No entanto esse mecanismo só funciona se houver capacidade ociosa. Mas se a economia estiver em pleno emprego, haverá aumento de preço, ao invés de expansão da economia. Fazendo a inflação reduzir o salário real dos trabalhadores.

Modernamente, pode-se observar que no caso brasileiro as mulheres estariam “prejudicando” os homens na disputa por espaço no mercado de trabalho. As razões dessa inversão de valores e práticas se dar pela maior perda de postos de trabalho imposta aos homens, por estarem se ampliando as ofertas de trabalho tradicionalmente desempenhada por mulheres. E por não estarem dispostos a disputar com as mulheres empregos “femininos” (LAVINAS, 1997).

Bruschini e Lombardi (2000) mostraram que este contingente de mulheres que tem ingressado no mercado de trabalho brasileiro é formado, sobretudo por representantes das camadas médias e escolarizadas da população. Este padrão de comportamento

feminino que vem sendo utilizado desde os anos de 1970 poderia ser explicado por uma combinação de fatores culturais, demográficos e econômicos. Do ponto de vista da demanda do mercado, configurou nos anos setenta, um momento de grande crescimento econômico, favorável à incorporação de novos trabalhadores, inclusive os do sexo feminino. Concluíram que o trabalho realizado pelas mulheres ampliou a visibilidade de atividades tradicionalmente realizadas por elas, no espaço doméstico e familiar.

Scorzafave e Menezes-Filho (2001) analisaram o crescimento das taxas de participação feminina no Brasil e apontaram fatores que podiam estar atuando de maneira mais ou menos intensa nessa decisão em diferentes períodos do tempo. Eles mostraram os aspectos que diferenciaram a decisão de homens e mulheres quanto a participar do mercado de trabalho e descreveram o comportamento da taxa de participação na força de trabalho dos homens e das mulheres brasileiras ao longo das décadas de 1980 e 1990. O estudo confirmou o aumento já constatado da participação feminina no Brasil, ao mesmo tempo em que a estabilização das taxas para os homens concorreu para uma redução do diferencial de taxa de participação entre os sexos.

O estudo realizado por Soares e Izaki (2002) acompanhou a participação feminina no mercado de trabalho, no qual mostraram as mudanças e a evolução de acordo com o passar do tempo e analisaram as relações entre educação das mulheres casadas, seus cônjuges e a taxa de participação. Concluíram que existem efeitos de tempo exercendo influência sobre a probabilidade de trabalho das mulheres. No qual explica que o aumento no número de famílias chefiadas por mulheres pouca influência exerceu sobre a probabilidade de uma mulher trabalhar. No caso das mulheres casadas destacaram que o aumento na taxa de participação se deu justamente por mulheres com cônjuge, no qual explica 70% do aumento na participação das mulheres.

Curi e Menezes-Filho (2004) estudaram as alterações no perfil da informalidade e nos diferenciais de salários nas décadas de 1980 e 1990, onde utilizaram dados longitudinais da pesquisa mensal de emprego para seis regiões metropolitanas no Brasil. Com o objetivo de mostrar como a redução da informalidade no Brasil decorreu, principalmente, com o aumento das transições do setor formal para o informal. No entanto, concluíram que a rotatividade entre o setor informal e formal é bastante elevada e que a probabilidade de saída do desemprego e do setor informal diminui com o tempo de permanência na situação inicial. Destacando que o diferencial de salários entre os

trabalhadores do setor formal e informal era de apenas 10% na década de 1980 e declinou para cerca de 5% na década de 1990.

Conforme Alves (2008), a inserção das mulheres no mercado de trabalho sofreu crescimento em todos os grupos etários, com exceção das mulheres muito jovens (10-14 anos) que deixaram as atividades rurais e passaram a frequentar escolas. Para ele, o maior crescimento da participação feminina se deu entre 20 e 50 anos, no qual possuem menores taxas de desemprego e maior nível de produtividade.

O crescimento na ocupação em relação as mulheres no mercado de trabalho, acompanhou a evolução da economia na década de 2000, no entanto foi limitado pela discriminação de gênero presente na sociedade. A partir disso, dois movimentos importantes podem ser identificados através do tempo. O primeiro foi a ampliação do leque profissional das mulheres nos últimos tempos, de forma inquestionável e contínua, aumento da sua escolaridade e a diversificação das escolhas educacionais. Em segundo lugar, observou-se a expansão dos horizontes de atuação femininos, mesmo que no mercado ainda tivesse uma segmentação quanto às áreas de atuação profissional de homens e de mulheres (BORGES, 2009).

Outro estudo realizado no Brasil foi o de Bulgacov *et al.* (2010), que analisaram a crescente participação da mulher na atividade empreendedora no Brasil, no contexto das mudanças contemporâneas no mundo do trabalho. Procurando retratar a situação real da atividade empreendedora, suas limitações e potencialidades. Portanto, concluíram que apesar das condições de precariedade a que muitas mulheres estão expostas na atividade empreendedora dificilmente poderiam ser revertidas apenas com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e como empreendedoras, exigiram também a elaboração e implementação de políticas públicas destinadas especialmente à mulher empreendedora.

Castro e Stamm (2013) procuraram observar as diferenças salariais de gênero e raça, onde apresenta-se análises estatísticas e também uma análise econométrica com o objetivo de verificar as influências de variáveis qualitativas e quantitativas, selecionadas sobre o salário hora do Brasil. No entanto, constataram que os trabalhadores do sexo feminino possuem um nível de instrução maior que os trabalhadores do sexo masculino e continuam recebendo salários inferiores aos recebidos por estes.

Barbosa (2014) analisou a evolução da taxa de participação feminina no Brasil nos anos de 1992-2012 e identificou os fatores que atuaram na inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro nos últimos tempos. Concluiu que a intensificação da educação e os filhos são importantes determinantes da oferta de trabalho feminino, que sugere a existência de barreiras que dificultam a escolha das mulheres em ingressar no mercado de trabalho.

Fonseca *et al.* (2017) também analisaram as diferenças salariais e discriminação por gênero, mas centrado na Região Norte do Brasil em 2004 e 2013. Com base nas teorias do capital humano, segmentação e discriminação eles verificaram que o impacto discriminatório foi o principal responsável pela disparidade salarial existente. Concluíram que o fator discriminatório se reduziu no período, sendo os mais significativos decréscimos para os indivíduos não brancos.

A crescente participação da mulher no mercado de trabalho e o aumento da responsabilidade no comando das famílias vem aumentando seu poder aquisitivo, o nível de escolaridade e a redução da defasagem salarial que ainda existe em relação aos homens. Devido ao processo de evolução das mulheres no mercado de trabalho, elas estão consolidando sua posição no mercado e adiando a maternidade e com menos filhos, elas podem conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014).

3 METODOLOGIA E FONTE DOS DADOS

Para atender o objetivo do trabalho de analisar a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro de 2001 a 2014 (observando que o ano de 2010 não foi utilizado por falta de dados), foi realizada uma análise descritiva, com abordagem quantitativa para coletar diversos dados publicados como Indicadores Harmonizados, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2014) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com acesso amplo e público a qualquer indivíduo. E o procedimento desta análise foi por meio de revisão bibliográfica e representações gráficas. Desta forma, a partir das variáveis do Quadro 1, buscou-se atender ao que se propôs.

Quadro 1-Variáveis Analisadas no Estudo

Taxa de analfabetismo das pessoas de 20 a 49 anos
Distribuição de homens de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução
Distribuição das mulheres de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução
Indicadores de distribuição das pessoas economicamente ativas, de 15 anos ou mais de idade, por sexo
Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 20 a 24 anos de idade, por grupos de idade e sexo
Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 25 a 29 anos de idade, por grupos de idade e sexo
Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 30 a 39 anos de idade, por grupos de idade e sexo
Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 40 a 49 anos de idade, por grupos de idade e sexo
Distribuição dos homens empregados e trabalhadores domésticos de 15 anos ou mais de idade, no trabalho principal da semana de referência, segundo a categoria do emprego no trabalho
Distribuição das mulheres empregadas e trabalhadoras domésticas de 15 anos ou mais de idade, no trabalho principal da semana de referência, segundo a categoria do emprego no trabalho

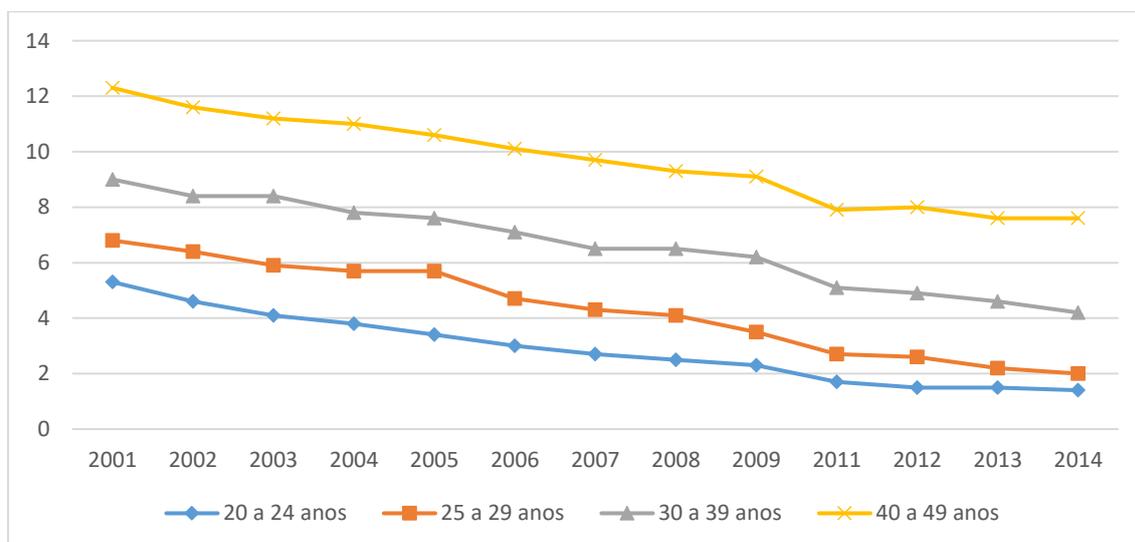
Fonte: IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014)

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que no período de 2001 a 2014 (exceto o ano de 2010 que não consta nos dados da PNAD 2014) houve um aumento persistente da atividade laboral feminina. Seu espaço no mercado de trabalho está se ampliando pouco a pouco, já que representa uma boa porcentagem do total da atual força de trabalho. Esse ingresso da mulher no mercado foi lento, porém sólido.

O analfabetismo ainda hoje é um dos principais problemas do Brasil. Observa-se no Gráfico 1 que as maiores taxas de analfabetismo estão nos estratos de pessoas com mais idade, o que significa que nos últimos anos o País direcionou recursos para reduzir este descrédito nacional. Mas ele é ainda maior do que mostram os números, pois há também o analfabetismo funcional em larga escala nacional.

Gráfico 1- Taxa de analfabetismo das pessoas de 20 a 49 anos, por grupos de idade – Brasil – 2001/2014



Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

De acordo com Costa e Correa (2014), o analfabetismo funcional é quando a pessoa é considerada incapaz de utilizar a leitura, a escrita e suas habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social. Mesmo sabendo ler e escrever, esses indivíduos possuem dificuldades em muitas atividades produtivas.

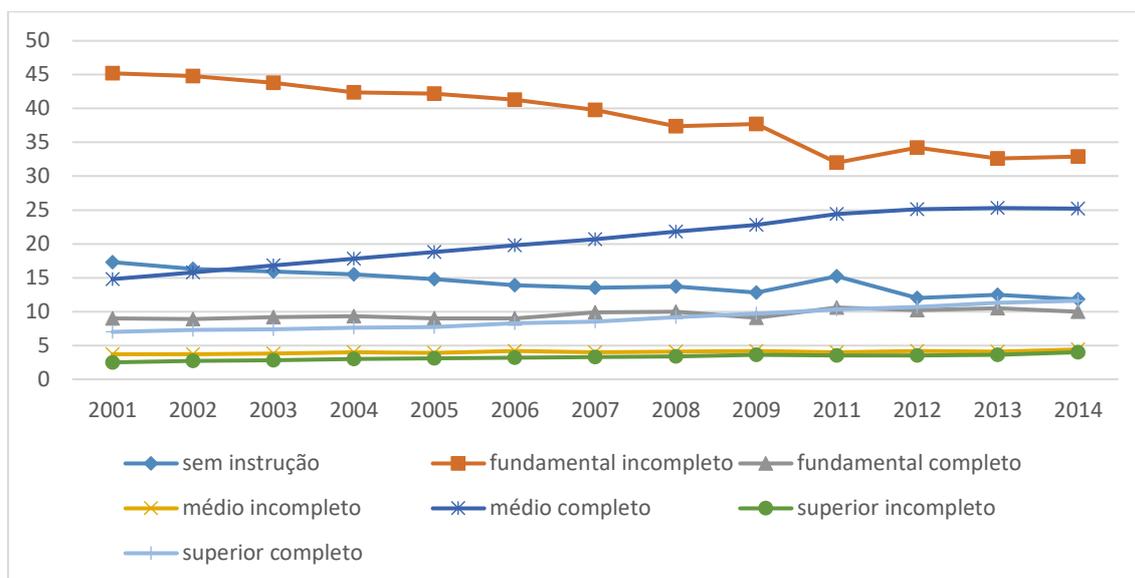
Pode-se notar também que em todos os anos por exemplo, as pessoas com 40 a 49 anos de idade tiveram um índice de analfabetismo muito elevado, onde em 2001 chegou a 12,3% principalmente em comparação com as pessoas de 20 a 24 anos, que tiveram 5,3% no mesmo ano. Com o tempo, esse percentual passou a cair em todas as idades, onde em 2014 essa taxa caiu para 7,6% (pessoas com 40 a 49 anos) e 1,4% (pessoas com 20 a 24 anos) e as pessoas com 25 a 29 anos e 30 a 39 anos ficaram entre 2% a 4,2% no mesmo ano (Gráfico 1).

A teoria econômica e a evidência empírica ensinam que o aumento da escolaridade eleva a probabilidade de o trabalhador estar empregado. Entretanto, para baixos níveis de escolaridade, a capacidade de o indivíduo transformar sua escolaridade (medida em anos de estudo) em produtividade depende da funcionalidade do seu conhecimento. É possível, por exemplo, que dois indivíduos que possuam apenas a quarta série primária tenham diferentes níveis de alfabetismo funcional (COSTA; CORREA, 2014).

Observa-se no Gráfico 2, que a maioria dos homens não terminou o ensino fundamental, totalizando um percentual de 45,2% no ano de 2001. Provavelmente esse alto índice deve-se justamente ao fato de que o homem era o principal membro de sua família, aquele que tinha sozinho a obrigação de trabalhar e que muitas vezes não tinha tempo para os estudos. No entanto, em 2012 esse índice teve um pequeno aumento, onde em 2011 era 32% e em 2012 foi para 34,2%. Pode-se observar também que em comparação com o ano de 2001 este índice caiu, chegando em 2014 a 32,9% (ensino fundamental incompleto).

Pode-se observar que o ensino superior veio crescendo durante os anos, em 2001 eles tinham 7% dos homens que tinham maior escolaridade e passaram a ter 11,6% no ano de 2014 (Gráfico 2).

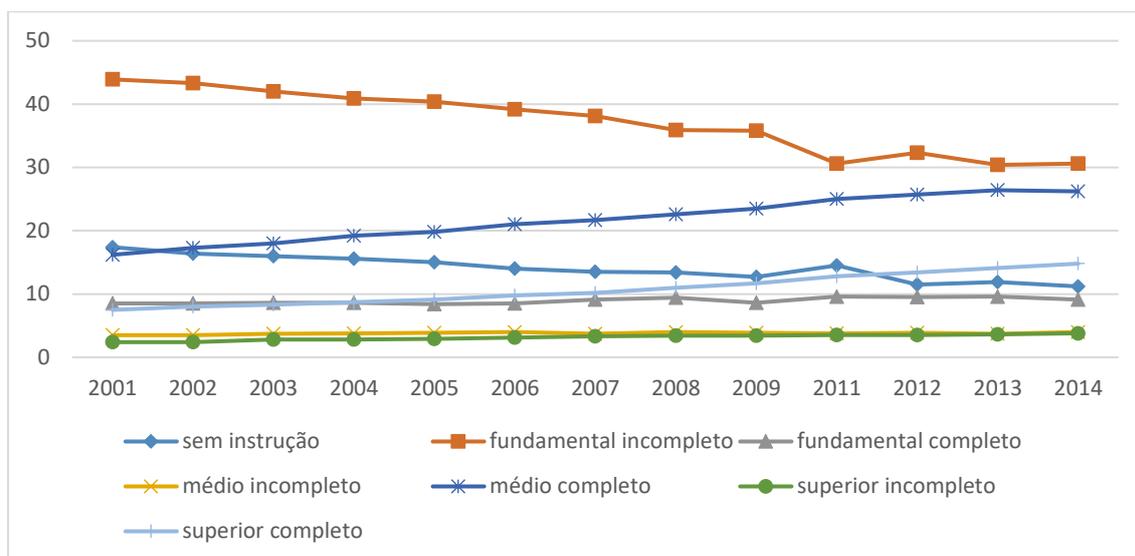
Gráfico 2- Distribuição de homens de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução – Brasil – 2001/2014



Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

No Gráfico 3, vê-se que em 2001 o nível de escolaridade das mulheres que tinham o ensino fundamental incompleto era bastante elevado em comparação com as que tinham o ensino superior completo. A população feminina veio ganhando visibilidade e garantindo seu espaço no mercado e com isso passou a procurar por mais conhecimento e se aperfeiçoar na área de atuação. Pode-se notar que ao longo do tempo houve aumento no nível de escolaridade, onde a mulher deixou de ter apenas o ensino fundamental e passou até o ensino superior completo, chegando em 2014 com 14,8%.

Gráfico 3- Distribuição das mulheres de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução – Brasil – 2001/2014

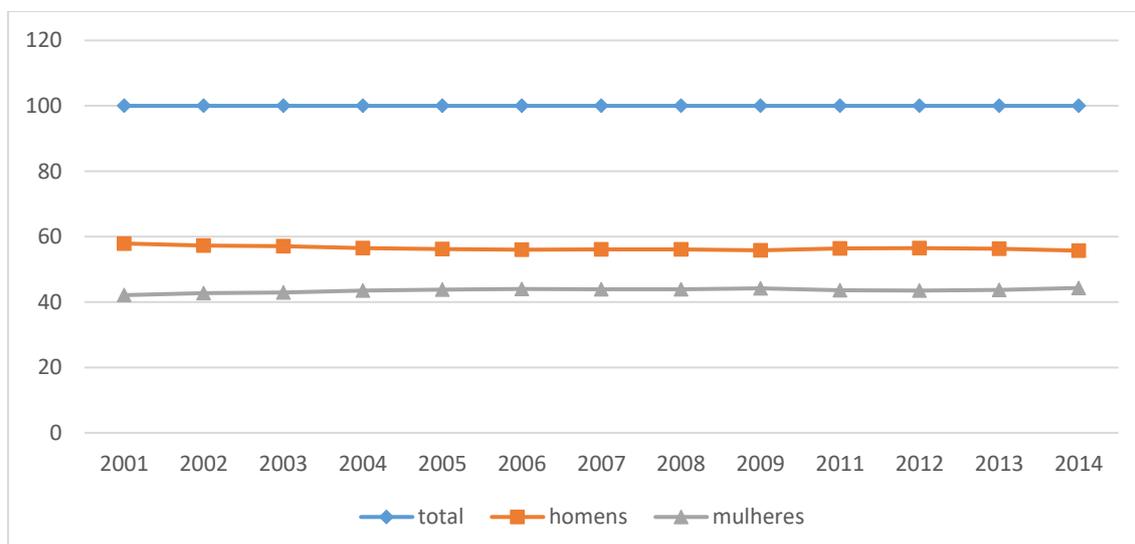


Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Nos últimos anos, as mulheres em média têm se preocupado mais com a formação profissional do que a maioria dos homens. Para Baylão e Schettino (2014), a elevação dos níveis de escolaridade, está fazendo com que a mulher aumente suas conquistas, facilitando ainda mais sua entrada e sucesso no mercado de trabalho.

Mesmo com a maior participação feminina no mercado de trabalho nos últimos anos, os homens ainda têm uma participação mais elevada em relação a elas.

Gráfico 4- Indicadores de distribuição das pessoas economicamente ativas, de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil 2001/2014

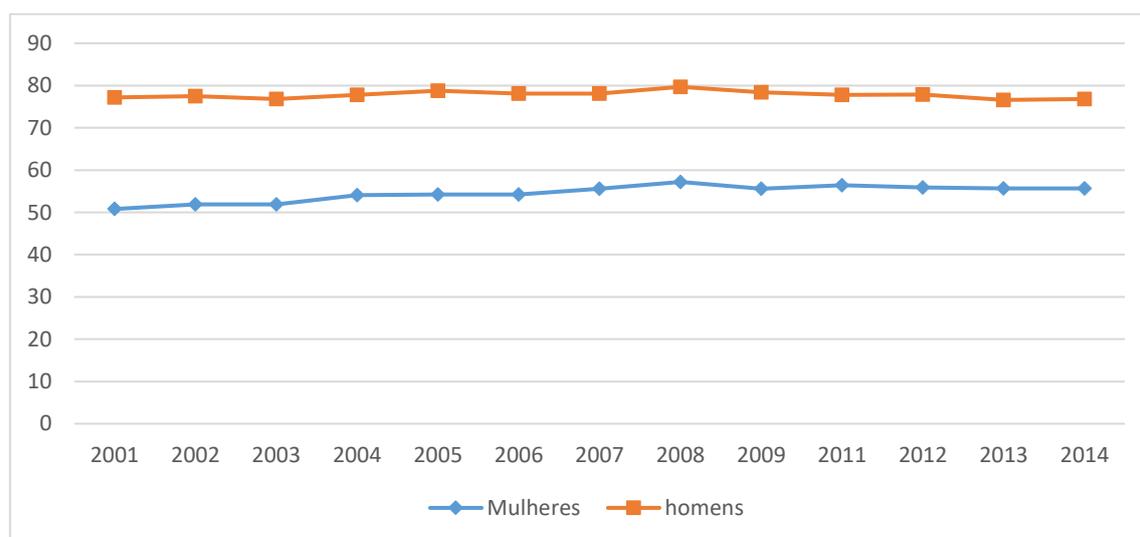


Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Pode-se observar no Gráfico 4 que os homens de 15 anos ou mais de idade têm um índice mais elevado onde em 2001 chegaram a 57,9% em comparação as mulheres que só tinham 42,1%. Com o tempo esse índice de participação masculina começou a ter uma redução, chegando em 2014 a 55,7%. Por outro lado, as mulheres passaram a crescer, chegando em 2014 a 44,3% da população feminina economicamente ativa.

Observa-se no Gráfico 5 que os homens com 20 a 24 anos de idade são os que mais ocupam o mercado de trabalho, com um índice muito superior ao das mulheres. Em 2001 a participação era de 77,2% do total de homens, enquanto as mulheres participavam com 50,8%. De maneira geral, mesmo com as mulheres ganhando seu espaço, os homens ainda predominam o mercado, ainda que por enquanto permaneçam com maior participação.

Gráfico 5- Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 20 a 24 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Para Pereira *et al.* (2005), a participação da mulher no mercado de trabalho vem carregada de mudanças nas ocupações. Isso se deve ao fato de existir ocupações ditas essencialmente femininas e outras masculinas, pois se verifica que as mulheres têm aumentado sua participação no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que mudam de ocupações, porque estão se inserindo em postos antigamente somente masculinos.

O Gráfico 6 mostra que apesar de os homens ainda serem os que mais dominam o mercado, a mulher com o passar dos anos vem ganhando seu espaço. Em 2001 por exemplo, elas ocupavam 56,9% das mulheres que trabalham e eles chegavam a 87,4% dos homens trabalhando em relação ao total de homens no mesmo ano. Pode-se notar também que na última década houve um aumento na quantidade de homens e mulheres de 25 a 29 anos que ocuparam o mercado de trabalho, chegando a 2014, as mulheres com 64,3% e os homens 87,5%. Um aumento considerado alto se comparado com outras idades.

Gráfico 6- Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 25 a 29 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)

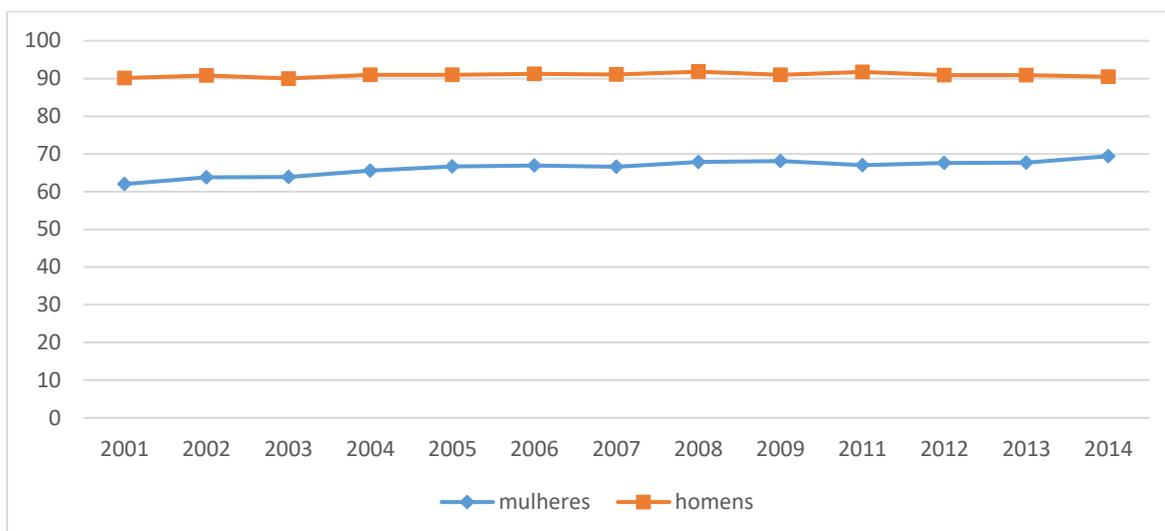


Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Segundo Vieira (2006), esse aumento se deu pela crescente urbanização e expansão da industrialização, que contribuíram para um ambiente propício à entrada de novos trabalhadores no mercado de trabalho, incluindo o sexo feminino.

Pode-se observar no Gráfico 7 que as mulheres com 30 a 39 anos de idade, ainda são uma parcela menor que ocupam o mercado de trabalho, visto que em 2001 elas eram 62% da população economicamente ativa e eles eram 90,1% do total de homens no mesmo ano. Mesmo com algumas quedas durante os últimos anos, as mulheres chegaram em 2014 com 69,4% da população ativa e ainda assim menor que os homens, que obtiveram 90,5% no mesmo ano.

Gráfico 7- Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 30 a 39 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)

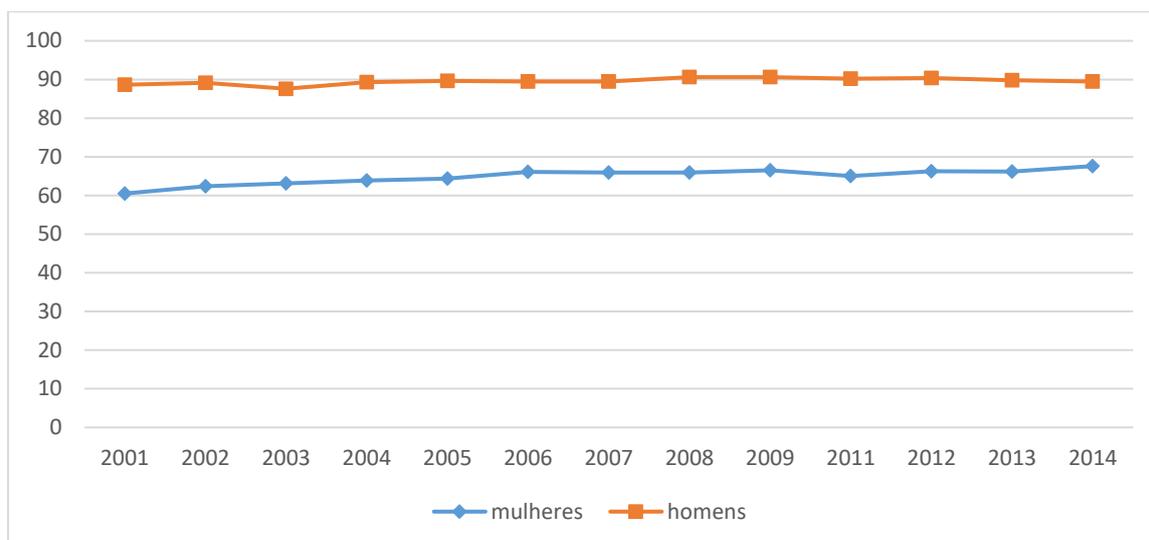


Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

De acordo com Querino *et al.* (2013), esse aumento das mulheres no mercado de trabalho foi também provocado pela ampliação do conceito trabalho, que inclui atividades para o próprio consumo, a produção para subsistência familiar e outras atividades que não são consideradas como trabalho. Como tais atividades sempre foram efetivadas por mulheres, os efeitos da pesquisa refletem sobre elas, enquanto as taxas dos homens permaneceram inalteradas no período.

Nota-se no Gráfico 8 que as pessoas com 40 a 49 anos de idade também fazem parte da maioria da população que trabalha, chegando em 78% nos anos de 2008 e 2013. Os homens por sua vez continuam sendo o grupo com maior nível de ocupação, com 90,6%, comparado as mulheres no mesmo ano que só tiveram 65,9% em 2008 e em 2009 66,5%. Pode-se dizer que nos anos seguintes houve aumento chegando em 2014 com 67,6% da sua parcela trabalhando.

Gráfico 8- Nível da ocupação, na semana de referência, das pessoas de 40 a 49 anos de idade, por grupos de idade e sexo – Brasil – 2001-2014 (%)

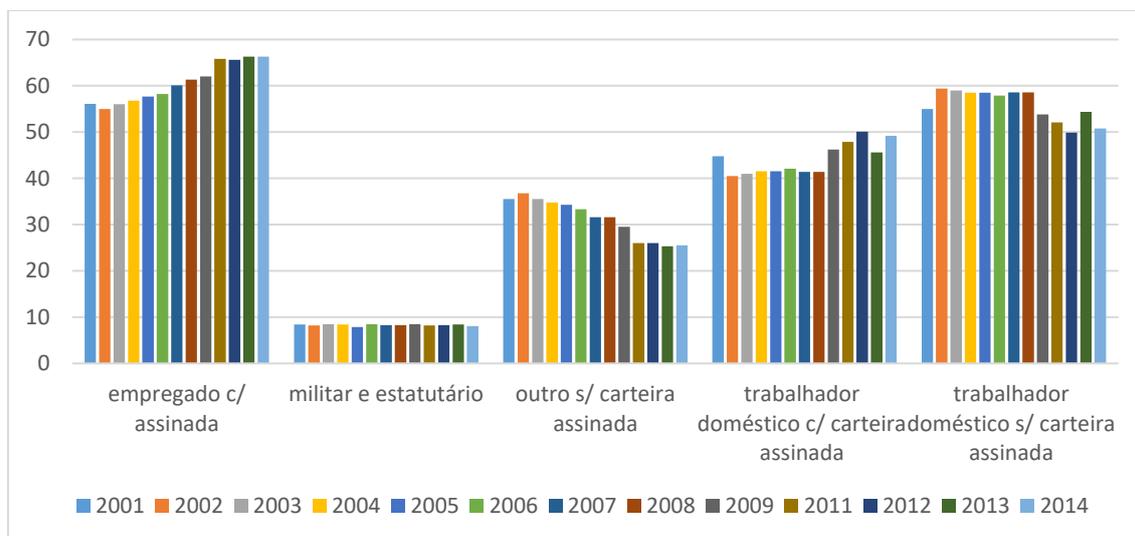


Fonte: Elaboração própria, com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Pode-se dizer também que as mulheres são uma parcela menor da população que trabalha, mas que com o passar dos anos vem adquirindo mais espaço e conseqüentemente diminuindo a participação dos homens.

No entanto, no Gráfico 9 nota-se que os homens ainda representam uma grande parte da parcela da sociedade que ainda trabalha, sejam eles com carteira assinada ou sem, ou até mesmo de trabalhador doméstico (que nos últimos anos era considerada exclusivamente feminina).

Gráfico 9- Distribuição dos homens empregados e trabalhadores domésticos de 15 anos ou mais de idade, no trabalho principal da semana de referência, segundo a categoria do emprego no trabalho – Brasil – 2001/2014



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Observa-se também no Gráfico 9, que o percentual de homens trabalhando ainda aumenta a cada ano, mesmo com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Por exemplo, os empregados com carteira assinada representaram 56,1% em 2001 e passaram para 66,3% em 2014. No entanto, o trabalho doméstico, que antes era normalmente executado por mulheres, ganhou espaço entre os trabalhadores masculinos. Em 2001 eles eram apenas 44,8% (c/ carteira assinada) e 55% (s/ carteira assinada), mas em 2014 chegaram a 49,2% (c/ carteira assinada) e 50,8% (s/ carteira assinada). Vale destacar os militares e estatutários, que mesmo com a entrada das mulheres no mercado, não sofreram tanto impacto quanto outras áreas, ficando durante anos em torno de 8%.

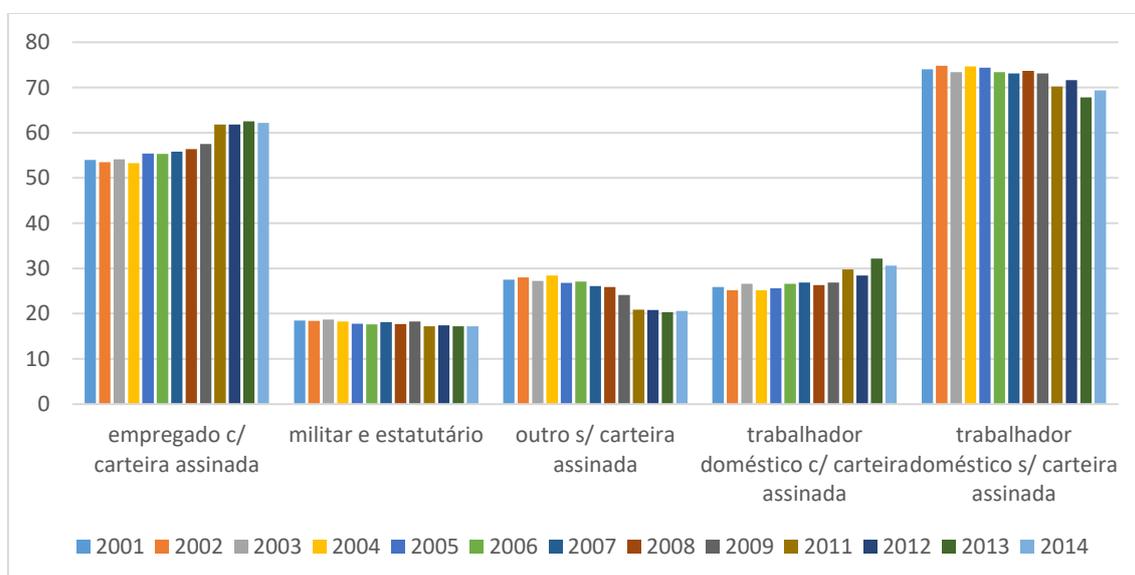
De acordo com Bruschini e Lombardi (2000), houve mudanças expressivas no mercado, fazendo com que a presença das mulheres em ocupações que requeriam alto nível de conhecimento fosse bastante considerada.

De uma forma geral, as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho costumam ser justificadas pelas diferenças dos atributos produtivos dos trabalhadores. Sendo assim, trabalhadores com mais instrução e com mais experiência ocupam os melhores postos de trabalho (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014).

Observa-se no Gráfico 10 que o alto índice de mulheres que trabalham se concentrava em serviços domésticos, principalmente sem carteira assinada, onde o

percentual era de 74% em 2001. Nos últimos anos tem caído o número de mulheres que exercem o trabalho doméstico sem carteira assinada e estão passando a ter carteira assinada, de forma que em 2014 chegaram a 69,4% (sem carteira assinada) e 30,6% (com carteira assinada). No entanto, percebe-se que as mulheres estão ingressando na área militar e estatutária, ou seja, ganhando espaço no serviço público, pois nestes, as regras são determinadas por leis e não pela vontade dos gestores. E que em 2014 chegaram a 17,2% de participação feminina.

Gráfico 10- Distribuição das mulheres empregadas e trabalhadoras domésticas de 15 anos ou mais idade, no trabalho principal da semana de referência, segundo a categoria do emprego no trabalho – Brasil – 2001/2014



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE/PNAD/INDICADORES HARMONIZADOS (2014).

Para Flecha (2007), a inserção da mulher na esfera pública continua concentrada em alguns setores e profissões, revelando a segmentação ocupacional. Isto quer dizer que as trabalhadoras continuam tendo na prestação de serviços domésticos as maiores possibilidades de trabalho. É por isso que o Gráfico 10 revela que a taxa de mulheres empregadas e trabalhadoras domésticas aumentou, principalmente com carteira assinada, de 51% em 2001 para 62,2% em 2014.

Melo e Oliveira (2009) explicam que o crescimento das mulheres nos últimos anos também refletiu a luta das trabalhadoras domésticas por melhores condições de trabalho. E que as razões históricas ajudam a entender por que há desigualdade entre os setores econômicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o desenvolvimento do presente estudo possibilitou um recorte temporal de análise sobre a participação feminina no mercado de trabalho. Com isso, pôde-se observar a evolução da participação das mulheres neste mercado.

Ao analisar a evolução da participação feminina no mercado laboral, verificou-se que a mulher brasileira conquistou novos espaços, no qual antes era voltado quase que exclusivamente para a população masculina.

Após observar que houve um avanço das mulheres no mercado, identificou-se que mulheres com faixa etária entre 25 a 29 anos estão predominando o mercado de trabalho brasileiro e que o serviço doméstico é a área em que mais há predominância feminina. Isto poderia explicar baixos salários para as mulheres considerando o tipo de ocupação que têm. Por outro lado, há outros estudos que apontam para salários diferenciados mesmo em cargos mais altos de trabalho, em comparação com a remuneração masculina. Mas os rendimentos não foram objetos de estudo aqui, por isto não é possível tecer considerações à guisa de conclusão neste estudo.

Todavia, em concordância com os exemplos elencados na revisão de literatura de que as mulheres têm ingressado mais no mercado de trabalho brasileiro e de que apesar de possuírem maiores níveis de educação, elas ainda não possuem rendimentos equivalentes aos masculinos, percebe-se que outro estudo poderia averiguar a veracidade destas relações à luz dos dados da RAIS.

Pode-se concluir, por fim, que mesmo com o crescente avanço das mulheres no mercado, elas ainda se encontram em um número inferior ao dos homens, onde em futuras pesquisas, pretende-se investigar a razão de as mulheres ainda se encontrarem com rendimentos inferiores ao rendimento masculino, mesmo estando nas mesmas atividades.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Luiza. *Participação Feminina no Mercado de Trabalho Brasileiro*. Ipea. Agosto, 2014.
- BAYLÃO, André; SCHETTINO, Elisa. *A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro*. 12f. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2014.
- BORGES, Nathalia. *A evolução recente da mulher no mercado de trabalho brasileiro: perspectiva social e econômica*. 2009. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso – UNICAMP, Brasil, 2009.
- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. *O Trabalho da Mulher Brasileira nos primeiros anos da década de noventa*.
- BULGACOV, Y. et al. *Atividade empreendedora da mulher brasileira: Trabalho precário ou trabalho decente?* Psicol. Argum. Curitiba, v. 28, n. 63, p. 337-349. Dezembro, 2010.
- CASTRO, Bruna; STAMM, Cristiano. *Diferenças Salariais de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro: Uma análise estatística e econométrica*. Tese de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Campus de Toledo.
- COSTA; CORREA. *Os efeitos do alfabetismo funcional sobre a empregabilidade dos trabalhadores brasileiros*. R. bras. Est. Pop.; Rio de Janeiro, v. 31, n.1, p. 7-27, jan./jun. 2014.
- CURI, Andréa; MENEZES-FILHO, Naércio. *O mercado de trabalho brasileiro é segmentado? Alterações no perfil da informalidade e nos diferenciais de salários nas décadas de 1980 e 1990*. Estud. Econ. São Paulo, v. 36, n. 4, p. 867-899, outubro-dezembro, 2006.
- FLECHA, Marília. *A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho: Um Retrato da Desigualdade na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, setembro, 2007.
- FONSECA, M. et al. *Diferenças salariais e discriminação por gênero e cor na região norte do Brasil*. Revista de Políticas Públicas. Agosto, 2017.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios – PNAD*. 2014
- LAVINAS, Lena. *Emprego Feminino: O que há de novo e o que se repete*. Vol. 40 no. 1 Rio de Janeiro 1997.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução de Rubens Enderle. Livro 1. Vol I. 13ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- MELO; OLIVEIRA. *Mercado de Trabalho e Previdência Social-um olhar feminista*.
- PEREIRA, Rosângela et al. *A Mulher no Mercado de Trabalho*. II Jornada Internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. São Luís - MA, agosto, 2005.
- QUERINO, L. et al. *A evolução da mulher no mercado de trabalho*. 2012. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Eça de Queirós, Brasil, 2013.

RODRIGUES, Daniel. *Marx e a divisão social do trabalho, uma resposta atual*. IV Conferência Internacional “La obra de Carlos Marx y los desafíos del siglo XXI”.

SANT’ANNA, André Albuquerque. *Distribuição de renda e crescimento econômico (nível de produto) na teoria de Kalecki*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. fevereiro,2004.

SCORZAFAVE, Luiz; MENEZES-FILHO, Naércio. *Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evolução e determinantes*. *Pesq. Plan. Econ.*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p.441-478, dez. 2001.

SMITH, A. (1776) *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. (Trad. port.) São Paulo: Abril Cultural, 1983..